



23-25 de maio em Coimbra
30-31 de maio e 1 junho em Lisboa

Formato Híbrido

ecop.cria@gmail.com

TERRITÓRIOS E RESISTÊNCIAS

IV ENCONTRO DE ECOLOGIA POLÍTICA



dinamia
'cet_iscte



CRIA iscte



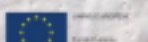
U LISBOA



CIAS

COMPETE
2020

PORTUGAL
2020



fct

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



Livro de Resumos

Website: <https://linktr.ee/redecopol>

Sexta-feira 23 de Maio - Coimbra

Locais: Centro de Estudos Sociais (CES), Salas 1 e 2, Colégio de São Jerónimo, Largo Dom Dinis 77 // República dos Inkas, Rua da Matemática, 2 // Zoom ID: 339 010 5717

09h00 - 10h00. Receção de Participantes [Salas 1 e 2, CES]

10h00 - 10h15. Abertura do Encontro [Salas 1 e 2, CES]

Pelas organizações coordenadoras

10h15 – 11h30. Painel 1 - Extrativismos ‘Verdes’ e Além [Sala 1, CES]

MODERAÇÃO: Jonas Van Vossle

“Estávamos aqui tão sossegadinhos”: a iminência do projeto de mineração como uma perturbação profunda do sentido de lugar em Covas do Barroso - Mariana Riquito, Universidade de Amesterdão e ECOSOC, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

A partir da ecologia política e da antropologia ambiental, e das suas sensibilidades às estruturas materiais e ontológicas que sustentam a destruição dos mundos humanos e mais-que-humanos, a minha apresentação explorará a forma como a chegada de um projeto de mineração foi experienciada na freguesia de Covas do Barroso. As montanhas barrosãs são, há sete anos, palco de um conflito socioecológico, espoletado pela resistência local a um projeto de extração de lítio a céu aberto, considerado estratégico nas diretrizes políticas portuguesas e europeias de transição energética.

Esta apresentação resulta da minha estadia etnográfica, realizada no âmbito do meu doutoramento, entre maio de 2023 e abril de 2024, nas aldeias de Covas do Barroso e Romainho, assim como da minha estreita colaboração e engajamento com as gentes locais desde 2021. Nela, irei demonstrar de que forma o projeto de mineração – embora ainda especulativo – já impactou e transformou significativamente os modos de vida, as realidades ecológicas, e o sentido de lugar em Covas do Barroso. Independentemente das diferentes posições em relação à mina, argumento que esta foi genericamente experienciada como um elemento disruptivo – algo que não encaixa neste lugar, e que, de forma inevitável, transformou o sentido de lugar dos seus habitantes.

Focando-me naquilo que Weszkalnys (2014; 2016) apelidou de “política afetiva de antecipação de recursos”, demonstro como o projeto foi recebido com desconforto e fricção (Tsing, 2005), tendo criado, por um lado, “pontos de pressão” (Chao, 2023) no tecido social e nas realidades ecológicas locais, ao mesmo tempo que reorganizou as relações sociais não apenas por causa das potenciais consequências materiais do projeto, mas também, e sobretudo, pelas transformações afetivas que trouxe.

Diferentes trajetórias e um objetivo comum: as motivações das mulheres contra um projeto mineiro no Barroso - Francisco Venes, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

A agência das mulheres na resistência às actividades extractivas tem sido reconhecida, mas poucos estudos tentaram compreender as suas motivações para além das narrativas de resistência. Nesta exposição, apresento uma perspetiva relacional sobre as motivações das mulheres para se oporem a um projeto de extração de lítio na freguesia de Covas do Barroso, no Norte de Portugal.

Em diálogo com as recentes tendências da Ecologia Política Feminista (EPF) que prestam atenção às subjetividades enquanto resultado de interações corporais e emocionais com outros seres humanos e com a natureza mais-do-que-humana, faço uma etnografia das interações diárias e das histórias de vida de seis mulheres opositoras.

As minhas conclusões sublinham dois aspetos: 1) as motivações das mulheres respondem a formas particulares de pertença onde a dependência material do território afetado coexiste com fortes aspetos emocionais; 2) a diversidade de trajetórias de vida faz com que as hierarquias de género não tenham apenas um efeito desmotivador mas possam também motivar a oposição à mina.

O lítio no quadro da economia política europeia. O caso português à luz do paradigma da dependência e do eco-marxismo - Pedro Miguel Cardoso, Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa

No quadro da chamada “transição energética” a União Europeia elaborou uma estratégia para promover investimentos e exploração de recursos minerais, nomeadamente do lítio. Em Portugal, em cujo território se estima haver reservas de lítio, têm sido aprovados, ou atribuídos direitos, para vários projetos de prospeção, pesquisa e já há concessões para a exploração de lítio. Tem havido contestação social e política a estes projetos sobretudo nos territórios onde estão a ser implementados ou onde está prevista a sua implementação. É aliás, uma problemática que adquiriu uma dimensão judicial e está a ser alvo de investigações criminais. Pensamos que o paradigma da dependência e o eco-marxismo podem ser úteis para analisar este processo e retirar ilações sobre o desenvolvimento do capitalismo europeu.

Resistências Locais ao Extrativismo: Narrativas e Práticas no Conflito da Mina de Lítio em Cáceres - Olga Pérez, Universidade de Coimbra

O projeto de mineração de lítio em Cáceres, promovido por "Infinity Lithium", tem sido objeto de intensos debates sobre desenvolvimento, sustentabilidade e justiça ambiental. Enquanto a empresa e as entidades governamentais justificam a iniciativa com promessas de crescimento económico e inovação tecnológica, o movimento cidadão "Salvemos la Montaña de Cáceres" questiona os impactos ambientais e sociais da exploração mineira, evidenciando um conflito entre diferentes conceções de progresso.

Este estudo analisa criticamente as narrativas de desenvolvimento promovidas pela empresa e pelos diferentes atores estatais envolvidos, explorando a forma como a "development language" (Olivier de Sardan, 2005) molda a perceção do projeto e influencia as políticas públicas. Assim, a partir da antropologia do desenvolvimento e da ecologia política,

examina-se a relação entre os "developers" (atores que dirigem os projectos de desenvolvimento) e os "developees" (comunidades afectadas), destacando as assimetrias de poder e as dinâmicas de resistência locais.

11h30 – 11h45. Pausa

11h45 – 13h00. Painei 2 - Ecologias e Marxismos [Sala 1, CES]

MODERAÇÃO: Joana Vaz Sousa

***“The soil is alive”: Socio-technical Imaginaries of and Capital Investments in Microbial Territories in the Anthropocene* - Amedeo Policante, IHC - Nova University of Lisbon (tbc)**

With advancements in high throughput genomic sequencing, new scientific understandings of land and soil are emerging. Genomic science increasingly sponsors a new vision of agricultural soils as microbial ecologies teeming with bacterial populations, whose metabolic processes drive the biogeochemical cycling that constantly (re-makes) the biosphere. The article explores how this new vision of the lively territoriality of agricultural soils is mobilised by the biotech industry by focusing on the recent growth of Pivot Bio – a firm specialising in the development and marketing of gene edited soil bacteria. Pivot’s engineered bacteria are already being released in agricultural fields across over ten millions of acres of American farmland. The goal is to reduce the use of synthetic fertilisers by introducing bacterial populations designed to facilitate the metabolic conversion of sugars into nitrogen. In Pivot’s bio-socio-technological imaginary, bacterial metabolisms can be harnesses to provide a sustainable solutions to the metabolic rift in nitrogen cycles induced by industrial agribusiness – and reinforced by the global marketing of synthetic fertilisers. The article explores the ontological assumptions, interspecies assemblages, and political economies of this experimental project of corporate bio-geo-engineering, focusing on the conversion of soil bacteria into bio-socio-technical means designed to reshape lively soils and further the accumulation of nitrogen credits in voluntary financial markets.

***Desenvolvimento da Amazônia: Luta pelo Existir e Novo Rural no Brasil* - Lygia Zamali Fernandes, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra**

O presente ensaio busca contribuir para a reflexão crítica sobre o desenvolvimento e a globalização da Amazônia Brasileira, tendo como objeto de estudo os relatórios da agência de desenvolvimento CEPAL. A análise se concentra nos processos históricos que impactaram os territórios amazônicos e na forma como essas dinâmicas podem ser influenciadas pelas recomendações institucionais, especialmente no contexto rural.

A pesquisa articula diferentes abordagens teóricas, incluindo as contribuições de Henri Lefebvre, em Brenner, sobre a produção do espaço; o conceito de retorno à ruralidade de Kayser; a crítica ao desenvolvimento proposta por Timothy Mitchell; e as possibilidades estratégicas de articulação das populações locais a partir da visão de Walter Mignolo. Esses referenciais permitem uma interpretação ampliada das transformações na Amazônia,

questionando as dicotomias tradicionais entre urbano e rural, desenvolvimento e conservação.

Além disso, o ensaio propõe uma perspectiva supra dicotômica no debate sobre cidadania, ao considerar que os povos da floresta não reivindicam apenas direitos no modelo clássico de cidadania, mas sim a "florestania", conceito que reflete a relação integrada entre cultura, território e sustentabilidade na Amazônia. Dessa forma, a pesquisa busca ampliar o entendimento das dinâmicas socioeconômicas da região, trazendo à tona a importância da valorização das populações locais e das suas formas alternativas de existência diante das pressões do desenvolvimento global.

Prefiguration, strikes and just transition - Jonas Van Vossle, ECOSOC, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Over the past two decades prefiguration and climate strikes have surged as two central tactical concepts within social movements activism. Prefiguration, inspired by Occupy-movements after 2011, morally assumes that practical means – such as horizontal and consensual decision making, the provision of community services such as cooking and mutual support - embody a future society through the protest, rather than making demands on the state. While supposedly offering an alternative to vanguardism and reformism, I argue – based on Luxemburg's (2007) approach of the mass strike – that the revolutionary strike - with the creation of forms of dual power and strike committees organizing essential services— also prefigured a new societal order aligned with workers' interests, and that the contemporary forms of prefiguration have significant weaknesses versus the radical working class traditions: Such as the emphasize public space occupation over production control, privileging individual opinions over collective organization, etc... In this context the popularization of the concept of in Climate strikes is relevant. Climate strikes, initially by school-students, have represented the strategic potential by the climate movement to transcend its "petit-bourgeois" character, reorienting environmental activism not only towards systemic changes and the working class, by reclaiming working-class tactics to confront capitalist drivers of climate change. Since then, alliances between climate activists and unions in public transportation strikes, and the important factory-occupation at GKN have been important steps in challenging trade unions' perceived reluctance on climate action, with the pedagogy of strikes creating a synthesis of green and red politics.

Governança participativa dos Comuns em espaço Rural e o desafio à propriedade capitalista no Sul da Europa - José Duarte Ribeiro, ICS-ULisboa (online)

Este ensaio propõe uma operacionalização exploratória do potencial transformador dos comuns rurais no Sul da Europa, concebendo-os como espaços de propriedade cooperativa e comunitária, com ênfase no seu papel na desmercantilização de recursos vitais e na promoção de modos de vida rurais resilientes. Através de uma análise histórica e sociopolítica, o estudo investiga a governança participativa e a acção coletiva em terras de gestão comunitárias nas regiões de Trás-os-Montes (Portugal), Galiza (Espanha) e Egeu (Turquia), onde práticas persistem ao longo de gerações, revelando a sua capacidade de sustentar a gestão socioecológica.

Partindo do quadro teórico de Elinor Ostrom sobre a governança dos comuns, cruzando-a com a de "utopias reais" de Erik Olin Wright, a investigação posiciona os comuns rurais como

espaços dinâmicos onde os legados históricos de cooperação se encontram com desafios contemporâneos, como os cercamentos neoliberais, as alterações climáticas e as desigualdades socioeconómicas. Os resultados preliminares evidenciam como a confiança, as redes de solidariedade e capital social, e a ação colectiva permitem às comunidades resistir à privatização e imaginar futuros socio-ecológicos alternativos.

O estudo avança uma agenda integradora para explorar as interações entre os comuns e a propriedade cooperativa e comunitária, sublinhando como práticas históricas podem informar e definir estratégias contemporâneas de resiliência. Em conclusão, o artigo enquadra os comuns rurais como loci fundamentais para a reimaginação da governança e da inovação socio-ecológica, sublinhando o seu potencial transformador para desafiar a governança neoliberal e projectando alternativas futuras concretizáveis.

13h00 – 14h30. Almoço Livre

O almoço é livre, podendo usufruir dos diversos espaços de restauração da zona e cantinas da UC e de outras instituições envolventes. Sugestão: Cantina S. Jerónimo

14h30 – 15h45. Painel 3 - Resistências e Urbanidades [Sala 1, CES]

MODERAÇÃO: Mariana Riquito

***Água de Meninos na Baía de São Salvador: do mar ao concreto* - Nathan Andrey Merenciano Bastos, Universidade de Coimbra**

Onde um dia prevaleceu uma cultura baseada na escuta e na relação com as águas, as luzes do século XX foram capazes de mitigar dinâmicas e modos ancestrais de cuidado com a terra por serem consideradas demasiado “arcaicas”. Diante do esforço positivista pelo progresso e pela ênfase no humano enquanto dominador – e não parte – da natureza, a cidade do Salvador teve suas bases ontológicas estremecidas à serviço de um corpo moderno que, segundo os discursos, seus habitantes não ocupavam. Exemplos do século XX demonstram tentativas violentas de extinguir as formas de vida de comerciantes e pescadores que sobreviviam em Água de Meninos desde os séculos passados, como no aterramento contínuo do mar que sustentava as práticas locais e na demolição de uma das primeiras ladeiras da cidade – junto de seu casario – para passagem da Via Expressa – rodovia de alta velocidade que objetivou aliviar e facilitar o tráfego local. Ainda hoje, o Estado mantém ativos os esforços em “valorizar” à força o território em questão, prevendo atualmente a demolição de novas habitações para a passagem de alça da ponte Salvador-Itaparica, além da transferência de feirantes e trabalhadores da Feira de São Joaquim à sítio remodelado. Partilhando do pensamento de Nêgo Bispo que o ataque colonialista envolve a desterritorialização identitária e cosmológica dos povos envolvidos, quais resistências podem ser mapeadas no que se refere à defesa de um corpo-território? Podemos concordar com a canção de Gilberto Gil de 1967 e concluir que “Água de Meninos acabou, quem ficou foi a saudade”?

Resistências aos Sistemas de Poder do Urbanismo: Entre a Antropologia e os Movimentos

de Cidadãos - João Marto Pereira e Catarina Maia, Universidade de Coimbra

A presente proposta de comunicação surge de uma análise a resistências humanas e não-humanas aos sistemas de poder do urbanismo na cidade de Coimbra. O estudo tem como objetivo principal evidenciar e refletir sobre as ecologias eliminadas, as que resistem e as que emergem – através, ou não, de intencionalidades humanas – num mundo de crescente expansão urbana e do espaço construído.

Será dado um foco especial ao Bairro do Monte Formoso, uma zona semiperiférica a norte da cidade de Coimbra, onde surgiu o projeto Jardim Monte Formoso, coordenado por Catarina Maia. Este projeto visa a revitalização dos espaços urbanos através da participação comunitária, criando jardins e prados que sirvam simultaneamente as pessoas enquanto oferecem refúgio para insetos polinizadores, um grupo em acelerado declínio.

Esta é uma iniciativa que promove um diálogo ativo entre instituições de poder, empresas, movimentos de cidadãos e a academia. Ao apostar na recuperação da biodiversidade e dos ecossistemas em contexto urbano, afirma-se como uma prática de resistência e de imaginação de outros futuros possíveis para paisagens socioambientais degradadas pela expansão de processos de urbanização associados à acumulação de capital (Harvey: 2008).

Colonialidade e Território: estudo de caso da cidade de Londrina-Paraná-Brasil - Margarida de Cássia Campos, Universidade Estadual de Londrina -Parana, Brasil

A América Latina e o Brasil tiveram seus territórios construídos sob a égide do poder colonial europeu, portanto, ao analisar as geografias das cidades brasileiras é necessário centrar o colonialismo como fator de constituição, não apenas da materialidade dos objetos geográficos, mas das relações sociais. Sendo assim a presente pesquisa tem como objetivo refletir sobre a presença da colonialidade e do racismo estrutural na formação socioespacial do território da cidade de Londrina no Paraná (Brasil). O método a ser utilizado será a teoria crítica decolonial que visa produzir uma desconstrução epistemológica e política do sentido de mundo eurocêntrico com objetivo de não aniquilar o construto teórico-epistemológico desse modo de pensar o mundo, mas superar as relações de opressão criadas a partir dele. Como procedimento metodológico primeiramente será realizada uma busca nas referências de autores e autoras que centralizam o colonialismo nas suas análises, apreender sobre a teoria crítica decolonial, a presença da colonialidade e do racismo estrutural no território das várias cidades brasileiras, concomitante a busca dos referencias teóricos, faremos análises de documentos históricos, sites oficiais da cidade de Londrina para compreender se existe um discurso eurocêntrico em relação a ocupação da cidade por populações não indígenas após década 1930 e por último a ideia problematizar a presença da colonialidade do poder, ser e saber e do racismo estrutural na cidade de Londrina. Espera com essa pesquisa contribuir para uma leitura do espaço geográfico crítico que possa relevar os instrumentos utilizados para construir a ideia de uma cidade europeia e branca invisibilizando outras populações como indígenas e negras.

15h45 – 16h00. Pausa

16h00 – 17h15. Workshop de Análise da Soberania da Terra [República dos Inkas]

Facilitado por Lanka Horstink e Kaya Schwemmlin, Associação GAIA e ICS-Lisboa

Em diversos agro-territórios enfrentam-se desafios semelhantes: violações dos direitos humanos, destruição ambiental, falta de gestão territorial sólida e políticas injustas, bem como a degradação das infraestruturas socioeconómicas. Estas dinâmicas tornam os territórios especialmente vulneráveis às alterações climáticas, ao extrativismo e à usurpação de terras, acentuando os conflitos entre modelos de desenvolvimento. De um lado, um sistema agrícola hiperintensivo e expansionista domina; do outro, um modelo camponês resiste à sua expansão. Este workshop destaca o papel central da terra nas disputas territoriais, modos de vida rurais e formas de resistência.

O workshop de 1h30 inicia-se com um mapeamento participativo, onde se visualizam a distribuição fundiária, o acesso à terra e as estruturas de governação. Segue-se uma análise da soberania da terra, através da Matriz da Soberania da Terra (Horstink et al., 2024), uma ferramenta que avalia os desafios territoriais e a resiliência socioecológica em seis dimensões:

1. Concentração da terra
2. Governação fundiária
3. Reforma agrária
4. Função social da terra
5. Transição agroecológica
6. Resistência da sociedade civil

A partir desta avaliação estruturada, identificam-se vulnerabilidades territoriais e lacunas de governação. O workshop conclui-se com uma sessão de co-criação, onde os participantes desenvolvem estratégias concretas de ação coletiva e modelos alternativos de governação para reforçar a soberania da terra nos seus territórios.

Este workshop é adequado para agricultores, trabalhadores rurais sem terra, movimentos sociais, representantes indígenas, decisores políticos, ativistas e investigadores, promovendo um espaço de diálogo e soluções práticas para a recuperação do controlo sobre a terra e os recursos naturais.

19h30 – 21h00. Jantar e Convívio [República dos Inkas]

21h00 – 23h00. Mostra de Cinema - “*Dos solos, desolados*” [República dos

Inkas] “*Amazônia, A Nova Minamata?*” (2022), de Jorge Bodanzky

Organizado pelo Núcleo de Antropologia Visual da Universidade de Coimbra

Sábado 24 de Maio - Coimbra

Locais: Centro de Estudos Sociais (CES), Salas 1 e 2, Colégio S. Jerónimo, L. Dom Dinis
77 // Real República do Bota-Abaixo, Rua de São Salvador, 6 // Zoom ID: 339 010
5717

10h00 – 11h15. Plenário - Ecologias Feministas do Sul Global: Resistências e Reexistências nos Territórios [Sala 1, CES]

Delmy Tania Cruz (Mujeres Transformando Mundos e Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, México) e Gabriela Merlinsky (Instituto de Investigaciones Gino Germani, Universidad de Buenos Aires, Argentina), com a Ananda Martins Carvalho (ECOSOC-CES, Universidade de Coimbra). Organizado pela Oficina de Ecologia e Sociedade (ECOSOC) com apoio do Projeto TRANS-Lighthouses, CES-UC.

Este Plenário irá refletir sobre as experiências de lutas de mulheres de diversos territórios de onde surgem novos entendimentos e práticas em comum para sustentar a trama da vida e os seus corpos-territórios.

11h15 - 11h30. Pausa

11h30 – 12h45. Painel 4: Ecofeminismos e Outros Saberes [Sala 1, CES]

MODERAÇÃO: Judy Moura

Análise da trajetória de uma reexistência e liderança feminina assentada do MST - Thaís Carla Medeiros, Ex-estudante da Universidade de Coimbra

Por meio de entrevistas semi-estruturadas realizadas online no contexto de minha dissertação de mestrado em Antropologia, Globalização e Alterações Climáticas, com Neiva Vieira – liderança, moradora do assentamento Justino Draszewski, agricultora e terapeuta – e com as arquitetas Fátima Mira e Sumara Lisboa – que planejaram e construíram de forma colaborativa com os(as) habitantes esse assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), localizado em Araquari, Santa Catarina – analiso como a vida material desse espaço se entrelaça profundamente com a trajetória da senhora Neiva.

A partir de seu relato, destaco os impactos negativos da monocultura do tomate sobre sua saúde e qualidade de vida familiar e como a adesão ao MST abriu caminhos para novas

formas de relação com a terra. Analiso, ainda, como seu interesse pelas plantas medicinais e terapias alternativas não apenas transformou sua trajetória pessoal, mas também o espaço físico de sua casa, convertendo-o em um ambiente terapêutico de autonomia feminina e resistência.

Ao discutir o planejamento e a construção do assentamento, recorro às vozes das arquitetas para compreender o desenvolvimento das casas e cisternas, baseados em princípios ambientais e sociais, destacando a colaboração ativa dos(as) assentados. Em diálogo com Tim Ingold, analiso como a arquitetura se transforma pela experiência do habitar, com ênfase nas modificações feitas por Neiva em sua casa. Articulo essa discussão com os conceitos de Designs de Transição e Pluriverso, de Arturo Escobar, para demonstrar como tais práticas representam formas concretas de resistência ao modelo hegemônico de monocultura, extrativismo, antropocentrismo, eurocentrismo, machismo e capitalismo, reafirmando modos de vida mais justos, sustentáveis e enraizados em saberes populares.

Saberes Indígenas na Academia: A Oralitura como meio de difusão de conhecimento -
Vanessa Cavalcanti, Universidade Federal da Bahia - Universidade do Porto e Gabriela Lins Vergolino, Universidade Federal da Bahia

As performances de corpos e oralidades como linguagens são tomadas como expressões de saberes. Através da oralitura (Martins, 2021), comunidades indígenas resgatam memórias, difundem conhecimentos e resistem às opressões impostas pela colonização e pelo capitalismo. Em 2023, reuniram-se lideranças indígenas, docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo (UFBA), valorizando modos de viver e dessa práxis. Corpos e vozes transmitiram ensinamentos relativos às tradições e ancestralidade de povos, culturas e territórios. O objetivo é registrar formas alternativas de linguagens, com base em teorias críticas e decoloniais, rompendo com opressões e silenciamentos que desvalorizam outros saberes e experiências. Análise de conteúdo e registro da oralitura como modo de difusão de conhecimento são os procedimentos escolhidos. Como resultados, assinalamos a necessidade de valorizar a diversidade de saberes e fomentar a defesa de direitos humanos dos povos indígenas através da educação.

As Margaridas diante da queda do céu: Feminismos Ecoterritoriais em Abya Yala -
Nascimento Sobreira, Universidade Federal de Campina Grande e Investigadora Visitante no CES-UC

Diante da lógica ecocida e biocida do capital no antropoceno, a violência se impõe como pilar estruturante do establishment – dirigida contra mulheres, contra a Natureza e contra os bens naturais e comuns, sempre em favor do lucro. Frente a esse cenário, mulheres rurais brasileiras têm protagonizado formas de resistência feminista articuladas especialmente por meio da Marcha das Margaridas no Brasil e na América Latina. Esse movimento dialoga com o que Maristella Svampa (2021) denomina de feminismos ecoterritoriais – expressões que integram dimensões anticoloniais e antipatriarcais, rejeitam os modelos hegemônicos de desenvolvimento e se distinguem dos feminismos urbanos ocidentais ao se ancorarem em saberes locais e ancestrais. As Margaridas atuam na defesa da água, dos bens comuns, dos corpos-territórios e por justiça ambiental e de gênero. Logo, esta comunicação busca evidenciar esses modos de ação no contexto do Antropoceno, refletindo sobre a pergunta: o

que fazem essas mulheres diante da "queda do céu", evocada pelos povos Yanomami da Amazônia? A resposta está em sua força mobilizadora e em sua resistência coletiva, que sustenta mundos e garante a continuidade da vida – no Brasil e em Abya Yala.

Territorial story-telling, community building and public pedagogy in youth resistance against environmental degradation of infrastructure projects in Goa - Sinead D'Silva, University of Leeds (online)

In the Global South, environmental disaster and catastrophe has been experienced – socially, culturally, economically, politically – for decades, with its associated violence. Yet, resistance in defence of nature – land, culture and all else – is an ongoing feature in our territories. In 2020, students, young scientists, community groups, citizens, and environmental activists came together with shared concerns about the implications of three proposed mega infrastructure projects planned through the forested area within Goa. Developing into a movement, they raise awareness of the biodiversity of the area that forms part of one of the world's 36 biodiversity hotspots, and the potential destruction that these proposed infrastructure projects will bring.

Via a fluid, decentralised collective, like-minded young Goans - mainly from a religious minority background, predominantly women - and allies that live in Goa, coalesce. Using art, science and legal mechanisms, the movement combines active citizenship, public pedagogy and the promotion of sustainable indigenous practices. The mobilising is characterised by ecofeminism and anti-imperialism; Dr. Vandana Shiva likened this to the Chipko movement. Drawing on the local community's sense of stewardship to the land, adopting territorial story-telling and public pedagogy. In a country with politics played through mobilising the imagery of a charismatic, fascist leader, whose thirst for infrastructure development has resulted in fatalities, communal tension and a setback to environmental justice, the actions of community resistance stands strong, bringing to the forefront people's deep relationship with land and culture, looking forward to better futures beyond hierarchical, statist and capitalist logics.

13h00 – 14h30. Almoço Livre

O almoço é livre, podendo usufruir dos diversos espaços de restauração da zona e cantinas da UC e de outras instituições envolventes. Sugestão: Cantina S. Jerónimo

14h30 – 16h00. [Em Paralelo] Workshop - Artes comunitárias desde os ecofeminismos para o bom viver: Cocriando ecossistemas de cuidados e tecidos emocionais para novas ectopias [Sala 1, CES]

Facilita Berta Figueiras Grobas, Colectivo Loairas e REACC

Demonstração da cultura comunitária como ferramenta de reconexão e transformação das comunidades dentro da crise ecológica e sistêmica que atravessamos.

Serão 2 partes. No primeiro, foram apresentadas quatro curtas-metragens participativas (total de 20 min) para mostrar o potencial audiovisual da arteterapia comunitária filmadas no

âmbito de um programa europeu de Erasmus+ onde pessoas de várias origens co-criaram peças sobre o mundo emocional e a crença climática.

Numa segunda parte, passaremos para um workshop experiencial para co-criar de forma comunitária e através da arte têxtil e da colagem um mapeamento de mundos biocêntricos sonhados colectivamente, xerando uma peça de arte visual emocional na que se mostren novas narrativas para co-imaginar esperanças ecotópicas

Pode ser feito em ambas as partes ou em apenas uma.. dependendo do tempo disponível)

14h30 – 16h00. [Em Paralelo] Roda de Conversa - Educação ambiental como território de disputa: desafiando o agronegócio na interseção com o veganismo e o feminismo [Sala 2, CES]

Facilitam Gabriel William Pereira e Marcela de Moraes Agudo, UNESP/Botucatu e CES/Coimbra

Esta roda de conversa propõe um encontro para discutir a respeito da interseção entre veganismo, feminismo e educação ambiental, com foco nas resistências ao agronegócio e aos modelos de produção alimentar predatórios no Brasil. A partir das concepções de produtoras de alimentos veganos no Sul de Minas Gerais, discutiremos como o gênero influencia as escolhas alimentares e a luta contra a exploração ambiental e animal. As mulheres, protagonistas dessa transformação, têm desempenhado um papel central na reconfiguração das práticas alimentares e no questionamento do modo de produção capitalista. A conversa se desdobrará sobre a educação ambiental explorando as três macrotendências político-pedagógicas de Layrargues: as conservadoras (conservacionista e pragmática) e a progressista (críticas), considerando a influência das diferentes tendências educativas ambientais na comunidade e também na escola, e suas problemáticas. Assim, buscaremos, de maneira dialogada, discutir, levantando pontos para debate, as possibilidades do desenvolvimento de uma educação ambiental crítica. Neste sentido, a proposta busca refletir como a educação ambiental, combinada com uma abordagem crítica e feminista, pode desafiar os paradigmas de exploração socioambiental, alinhando-se à defesa do bem viver e à soberania alimentar. O encontro proporcionará um espaço para troca de saberes vários, incluindo sobre diferentes práticas educativas ambientais e outras práticas alternativas, como agroecologia e permacultura, que podem surgir a partir das vivências dos participantes, e para refletir sobre a criação de novos territórios de vida, enquanto resistência ao capitalismo, nos quais o feminismo e o veganismo se entrelaçam na luta por justiça social e ambiental no Brasil.

16h00 – 16h15. Pausa

16h15 – 17h45. Mesa Redonda - Repúblicas de Coimbra: resistir e persistir na cidade [Real República do Bota-Abaixo]

Organizam Olga Pérez, Joel Gregório, João Pereira, Lucas Monteiro e Albino Camati, Mestrado em Antropologia, Globalização e Alterações Climáticas - UC

Propomos uma roda de conversa em torno do papel das Repúblicas de Coimbra como focos de resistência e sobre os desafios que estas atualmente enfrentam.

Com uma longa história de organização e mobilização estudantil, estes espaços comunitários e autogeridos representam uma alternativa ao regime habitacional neoliberal predominante na cidade de Coimbra, agindo como focos promotores de iniciativas sociais e solidárias. No entanto, nos últimos anos, observa-se um declínio na presença e na força das vozes das repúblicas. Estas deparam-se cada vez mais com obstáculos à sua própria sobrevivência, o que, consequentemente, compromete o seu papel como polos de dinamização cultural, de contestação e resistência política. Entre estes entraves, destacam-se: a especulação imobiliária, associada à proliferação de alojamentos locais e turísticos, que contribui para atual crise habitacional estudantil; a falta de apoios e financiamento por parte de instituições públicas; e a pouca adesão de estudantes a estas casas.

De modo a enriquecer a discussão, serão convidados antigos e atuais membros de repúblicas a partilharem as suas perspectivas num diálogo intergeracional que revele os modos e as experiências vividas, tal como os desafios por que passaram e as estratégias que estes implementaram para os ultrapassar, as quais permitiram a continuidade das repúblicas até os dias de hoje. Assim sendo, o estudo destas comunidades poderá servir como ponto de partida para explorar alternativas viáveis e sustentáveis, para um futuro além dos modelos capitalistas neoliberais atuais.

19h30 – 21h00. Jantar e Convívio [Real República do Bota-Abaixo]

21h00 – 23h00. Mostra de Cinema - “Dos solos, desolados” [Real República do Bota Abaixo]

"Behemoth" (2015), de Zhao Liang

Organiza o Núcleo de Antropologia Visual da Universidade de Coimbra

*

Domingo 25 de Maio - Coimbra

Local: Parque Verde (ponto de encontro será enviado aos participantes inscritos)

10h00 - 14h00: Descida de kayak pelo Rio Mondego: "Em defesa dos rios vivos"

Iremos falar sobre os conflitos ambientais à volta deste rio, com foco particular no tema das barragens.

Necessário inscrição prévia até 20 maio: <https://shorturl.at/esfgw>. A atividade tem um custo de 20 euros p.p.

Sexta-feira 30 de Maio - Lisboa

Locais: ISCTE-IUL, Avenida das Forças Armadas (Edifício 4) // Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL), Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9 // Cooperativa Rizoma, Rua José Estêvão, 4.

09h30 - 10h00. Receção de Participantes [ISCTE - Edifício 4 - A306]

10h00h - 11h00. Sessão de Abertura em Plenário: Corpo-Terra que remexe.
Experiência das artes cénicas na relação com o território [ISCTE - Edifício 4 - A306]

Com Patrícia Paixão, Teatro Estúdio Fontenova

Sempre me interessei por cercos. Bem, sempre, sempre não porque não sabia que seria esse o nome. Mas sei agora que vem de algures muito atrás no tempo, de quando era pequenina. Aí talvez fosse a dualidade entre brincar entre quatro paredes e o mundo lá fora. Inventar mundos possíveis e escondidos ao mesmo tempo. Na idade adulta foi a relação dos cercos com o corpo, como é que a perda de direitos à terra se relaciona com a perda de direitos ao corpo, ao nosso corpo... Mas perceber também o que é um corpo livre.



Corpos Livres.

Para esse corpo existir tem de estar em relação com o espaço, o seu território. E é aí que o conflito inicia e a minha experiência nas artes cénicas se aprofunda: num diálogo e relação próxima sobre esta dualidade entre um corpo livre e um cerco. Um corpo de mulher que se questiona enquanto assiste a constantes ecocídios no Alentejo, à perda de espaço públicos e dos comuns na minha cidade, à continuidade do sistema prisional, mas que também cria novos mundos e possibilidades.

11h00 - 12h30. [Em paralelo] Painel 5: Energia, Conflitos, Barragens [ISCTE - Edifício 4 - B326]

Zoom ID: 964 3477 3877 | Código de Acesso: 084212

Moderador: Antonio Maria Pusceddu (CRIA-ISCTE)

A luta contra a barragem do Pisão: cidadania, participação e educação ambiental - José Janela, Quercus - Associação Nacional de Conservação da Natureza

Em 2022, a consulta pública sobre a avaliação de impacto ambiental da Barragem do Pisão contou com a participação de Organizações Não Governamentais do Ambiente e de 147 cidadãos, todos contrários ao projeto, houve apenas opiniões favoráveis por parte de entidades públicas. Em janeiro de 2025, o Tribunal anulou a Declaração de Impacte Ambiental, reconhecendo a violação da lei e os danos irreversíveis para o ambiente, incluindo o abate de quase 60 000 árvores protegidas e a destruição de 14 habitats prioritários. A decisão judicial destacou a desproporção entre os impactos ambientais e a irrelevância da barragem para o abastecimento público, dando razão às ONGA que interpuseram a ação.

O caso da Barragem do Pisão exemplifica a importância da cidadania ativa, conforme preconizado no Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade, integrado na Educação para a Cidadania. Este documento defende que a escola deve formar cidadãos responsáveis e esclarecidos, promovendo a análise das ameaças à biodiversidade e a compreensão dos impactos ambientais, como a destruição de habitats e alterações do uso do solo. No âmbito do Território e Paisagem, tem um objetivo de “Conhecer exemplos concretos de estratégias de envolvimento da população e dos agentes locais na definição dos objetivos que visem a proteção, a gestão e o ordenamento da paisagem”.

A luta contra a barragem do Pisão demonstra a relevância do envolvimento coletivo na defesa do ambiente e da sustentabilidade, servindo de exemplo para a educação ambiental e a participação cidadã na construção de um futuro mais equilibrado.

Desposseção e Etnografia: Promessas e Desilusões com a Barragem do Pisão, Alto Alentejo - Rui M Sá, Centro de Administração e Políticas Públicas, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa (online)

Esta proposta de comunicação tem como objetivo realizar uma análise crítica dos impactos ambientais e sociais derivados do projeto da construção da Barragem do Pisão, no Alto Alentejo. Através de uma abordagem interdisciplinar que engloba a ecologia política, a antropologia e a biologia da conservação, procura-se analisar o papel das decisões políticas e as narrativas correspondentes na gestão ambiental, especialmente durante a avaliação de impacto ambiental e as consequências para as comunidades locais. A Barragem do Pisão, apresentada como solução para os desafios relacionados como abastecimento de água e geração de energia, levanta uma série de questões controversas. Esta pesquisa de teor antropológico visa explorar estas controvérsias e discutir estratégias de resistência, com o intuito de entender as diferentes narrativas que influenciam a perceção pública sobre o projeto. Pretende-se também refletir sobre as implicações da construção desta infraestrutura para a sustentabilidade na região, questionando o paradigma de desenvolvimento que favorece grandes projetos em detrimento de alternativas que poderiam ser mais sustentáveis e inclusivas. Esta análise crítica visa contribuir para um entendimento mais amplo sobre como projetos de infraestrutura de grande escala impactam o meio ambiente e as comunidades locais, e como políticas alternativas poderiam estar melhor alinhadas com os princípios de sustentabilidade e justiça social.

***On dams, wind farms, and the inevitability of progress* - Sophia Küpers e Susana Batel - ISCTE-IUL**

In this presentation, I would like to discuss some central findings of my dissertation, which dealt with people's relations to large-scale renewable energy projects from a socio-historical perspective. Specifically, I examined how society has represented hydropower controversies on public television since the 1950s, as well as the meaning-making of local communities currently hosting wind farms in northwestern Portugal. By presenting the results of my analysis of both of these empirical contexts, I will discuss how the notion of sacrifice for progress creeps across both empirical contexts, across political regimes, and across energy sources to legitimize that rural communities should bear the incongruities and downsides of energy project deployment. However, my findings also suggest that this very logic offers ample critical potential for challenging the supposed necessity and inevitability of the injustices caused by large-scale energy projects by exposing the interests of the state and large corporations in the ongoing low-carbon energy transition.

***O rio é (r)existência: Remoção de barreiras, poluição e a ecologia de resistências na bacia do rio Alviela* - Susana Batel, Maria Alba, Maria Assunção Gato, e Catarina Miranda, ISCTE-IUL; Lúgia Figueiredo, CIAUD; Regina Falcão, GEOTA**

Às diferentes formas de extrativismo territorial que têm colonizado os territórios mais invisibilizados e silenciados dentro das lógicas de poder capitalista, como os rurais, têm-se acumulado as visões, projetos e infraestruturas da chamada transição energética verde, como centrais hidroelétricas e estações de tratamento de resíduos. Apesar da urgência do fim do mundo do capitalismo fóssil, a sua substituição por um capitalismo verde arrisca a reprodução de injustiças socioambientais e o ceticismo em relação a qualquer transição.

Este trabalho propõe discutir a relevância das historiografias psicossociais dos territórios para (re)pensar narrativas e práticas ecológicas no presente de forma a que estas não sejam nem rejeitadas pelo desamparo institucional-colonialista aprendido das comunidades, nem cooptadas pelos populismos de direita.

Para isso, focamo-nos na bacia do rio Alviela, a partir de um projeto liderado pelo GEOTA (Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente) iniciado em 2023. O projeto "Rios Livres" visa a remoção de barreiras obsoletas e medidas de restauro fluvial para melhorar a conectividade do rio e ecossistemas associados. A partir deste território – de pesquisa, vivido, geográfico – e da sua historiografia, procuramos traçar a ecologia de resistências contra injustiças socioambientais que aí coexistem e discutir de que forma se poderão antecipar e construir possibilidades de futuro, a partir do rio e de práticas ecológicas presentes. Os dados empíricos baseiam-se em trabalho de campo realizado entre agosto de 2024 e fevereiro de 2025 na bacia do rio Alviela, incluindo pesquisa de arquivo, "correio do rio", entrevistas individuais e uma sessão de grupo.

11h00 - 12h30 [Em paralelo] Oficina de Contra-Cartografias: Mapeamentos de Corpos-Territórios [ICS-UL, Sala do Quinto Piso]

Facilitam Delmy Tania Cruz Hernández (Mujeres Transformando Mundos e

Universidade de Ciências y Artes de Chiapas), junto a Djamila Andrade e Gustavo Garcia Lopez (Oficina de Ecologia e Sociedade – ECOSOC, Centro de Estudos Sociais- CES)

Historicamente os mapas têm servido para identificar recursos, expandir fronteiras extrativistas, e estabelecer controle político de territórios. Desta forma, o mapeamento tende a reproduzir as relações, conhecimentos e imaginários dominantes. Os contra-mapas são uma forma de desfazer estas relações, refazendo o mapeamento a partir da perspectiva dos povos e territórios marginalizados: os seus conhecimentos, práticas e visões no confronto ao extrativismo e no desenvolvimento de alternativas para a vida. Porém, os contra-mapeamentos são ferramentas para perturbar relações de poder dominantes, dar voz aos grupos marginalizados, e proliferar imaginários alternativos do mundo. Nesta sessão, discutiremos e poremos em prática algumas das muitas formas de contra-mapeamento que fazem parte das ‘geografias para a resistência’.

Esta oficina, inserida no Ciclo "Metodologias Ao Contrário" da ECOSOC, será facilitada por Delmy Tania Cruz, uma das cocriadoras do conceito e metodologia de cartografia do corpo-território. O conceito do corpo-território-terra tem sido desenvolvido por ativistas acadêmicas feministas e descoloniais latino-americanas, no trabalho com comunidades, particularmente mulheres, em resistências contra os extrativismos, o patriarcado, o racismo, e o capitalismo e colonialismo, e as suas violências. O mapeamento dos corpos-territórios surge como um esforço de centralizar as experiências vividas de comunidades --e particularmente das mulheres-- que confrontam as violências do extrativismo. Este mapeamento enuncia e visualiza as conexões intrínsecas entre o material e o afetivo, o “sentimento” e o “pensar”, o que acontece nos territórios e nos nossos corpos, através de corpos desenhadas pelas participantes. Junto as/os participantes, iremos desenvolver uma aplicação prática desta cartografia para refletir conjuntamente sobre estes temas nas nossas próprias vivências.

12h30h - 14h Almoço Livre

O almoço é livre, podendo usufruir dos diversos espaços de restauração da zona e cantinas, não apenas do ISCTE e ICS, mas outras instituições envolventes. Podem ainda trazer a vossa marmita, ou tabuleiro, para a sala de almoços no 5º andar do ICS que estará reservada para todos os participantes do evento. Sugestão: tragam algo para partilhar!

14h00-15h30 [Em paralelo] Painel 6: Saberes Tradicionais e Indígenas

[ICS-UL, Sala Maria de Sousa/Polivalente, Rés-do-chão]

Zoom ID: 964 3477 3877 | Código de Acesso: 084212

Moderadora: Kátia Favilla (ICS-UL)

Territorialidade cósmica: reflexões sobre práticas ancestrais indígenas Amazônica em Portugal - Carolina Ribeiro Araujo, Centro de Administração e Políticas Públicas, Instituto

Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa

A colonização trouxe grandes impactos para os povos indígenas do Brasil. Em específico no Estado amazônico do Acre, o contacto inicial veio a partir do ciclo da borracha no século XIX, o que causou profundas mudanças no modo de vida desses povos, através do trabalho escravo nos seringais; intervenção dos missionários e epidemias.

Mesmo diante tais ameaças, em virtude à luta de lideranças indígenas e aliados, o direito à demarcação de terra foi conquistado aos povos dessa região na década de 80 e 90. Desde então, aqueles poucos que mantiveram a cosmovisão, língua, ancestralidade e modo de vida intrínseco à natureza procuraram passar adiante esse conhecimento num movimento de revitalização e resistência. Atualmente esses povos buscam encontrar um caminho de comunhão entre sua cultura e natureza, com a tecnologia e facilidades urbanas, já que esse contacto é irreversível.

Tal comunhão também acontece através de excursões de indígenas pela Europa para realizar cerimônias com suas medicinas tradicionais. Com a valorização desse saber e a busca de experiências transformadoras, muitas pessoas frequentam esses eventos inclusive em Portugal.

Esse fenômeno possibilita a troca e diálogo dessas culturas em diferentes esferas: imaterial - portugueses que reconhecem cura a nível mental e emocional, assim como manifestação espiritual e conexão com a natureza; e material- indígenas com recurso para proteger seus territórios e biodiversidade, com melhor qualidade de vida na floresta, a compensar a ausência de políticas públicas.

A proposta dessa conversa é expandir as fronteiras geográficas de tais territórios, e considerar aspectos espirituais e ecológicos que se relacionam.

Resignificación política del manejo de los recursos naturales en una comunidad indígena de Panamá: Pueblo Kuna y el turismo - Cebaldo De León Smith, CRIA/CETRAD (UTAD)

Los Kuna (viviendo sus 100 años de la "Revolución Tule" de 1925, cuando consiguieron su autonomía, posiblemente de las pocas en Abya Yala - América -.) viven cambios muy importantes y se están convirtiendo en "turistores" (gestores de turismo). Están adaptando sus espacios y tiempos a la llegada de visitantes extranjeros, pero intentando controlar en todo momento la actividad turística y sus recursos naturales, culturales y políticos, con base en sus estructuras comunitarias y su fuerte organización social y política. De esta forma, podemos afirmar que el turismo Kuna demuestra un caso singular de autocontrol del turismo, por lo que se convierte en un modelo a observar por la antropología, así como por otras ciencias sociales.

An exploratory ethnography of multispecies encounters in the burning Brazilian savannah - Chiara Beneduce, Projecto ERC ABIDE/ICS – Universidade de Lisboa

My doctoral research stands at the intersection between disaster and multispecies studies, and it aims to analyse the impacts of megafires on Maroon traditional communities, with a main interest on the consequences of animal displacement and loss. I intend to present here some of the results of my exploratory anthropological ethnography, which will take place in the spring of 2025 in the state of Mato Grosso, Brazil, and more precisely in two Quilombos,

situated near the town of Poconé and in Chapada dos Guimarães. This territory is at the cross-road of three very diverse biomes (the Cerrado, the Amazon and the Pantanal), offering an heterogeneity of ecological multispecies interactions. In this presentation, I will particularly focus on the movement of wild animals engendered by the fires, whose frequency and intensity is in constant increase. The fire and the resulting unexpected encounters seem to fuzz more and more the barriers between the anthropic landscapes (cities, plantations and villages, but also the Indigenous and Quilombola food gardens known as roças) and the grasslands and wetlands, generating new relationships of proximity. Conceptualizing these encounters could then offer us the possibility of rethinking the quilombos as multispecies refugia and sites of resistance to the Anthropocene (Haraway 2016; Tsing 2017).

Desafios dos territórios sociobiodiversos no Oeste do Pará: fronteiras, fricções e equivocacões desde uma lente da ecologia política (online) - Diego Amoedo, UFOPA (tbc)

A noção de sociobiodiversidade nasceu no Brasil como um Plano Nacional de Promoção das Cadeias da Sociobiodiversidade (PNPSB) no ano 2009. De lá pra cá esse conceito vem ganhando espaço e repercussão não só nas políticas públicas brasileiras, especialmente da amazônia, mas também nos meios acadêmicos e entre os produtores da sociobiodiversidade, povos e comunidades tradicionais. O intuito de minha apresentação será trazer a experiência do projeto Territórios Sociobiodiversos no Maranhão e no Pará que vem trabalhando desde 2023 com povos e comunidades tradicionais do Oeste do Pará (amazonia brasileira), em seus territórios, desde uma perspectiva colaborativa. Dessa forma as ideias de território, terra e terra-território vêm sendo equacionadas e tensionadas conjuntamente com as falas de nossos interlocutores que principalmente são extrativistas, agricultores familiares, mulheres agroecológicas, guias de turismo de base comunitária, que, com suas vidas fazem frente às políticas do Antropoceno representadas pelo agronegócio de soja e gado. Ora mobilizam a noção de território para demarcar seu embasamento legal de posse e demanda por reconhecimento por parte do Estado, ora como matriz de pertencimento através de linhagens familiares históricas àquela terra em concreto ou mais ampla, ora como uma abstração a-material e ontológica que evoca uma diversidade de relações e socialidades. As noções de fronteira, fricção e equivocação ajudam a tensionar classificações e determinações teóricas e nos colocam nos caminhos curvos das narrativas ficcionais que evocam a multiterritorialidade e o pluriverso.

14h00-15h30 [Em paralelo] Painel 7: Lutas e Resistências (Parte I) [ISCTE - Edifício 4 - B326]

Zoom ID:993 3677 9569 | Código de Acesso: 420671

Moderadora: Rita Calvário (DINAMIA'CET-ISCTE)

Cidade em disputa: cosmovisões e o choque de narrativas (online) - Laís Cristina Neiva de Sousa. Investigadora independente

Esta investigação analisa o impacto do racismo estrutural na disputa pelo direito à cidade a partir do conflito urbano na Comunidade Boa Esperança, em Teresina (Piauí, Brasil), no

contexto do projeto urbanístico "Lagoas do Norte". Baseado em uma entrevista com um líder comunitário, a pesquisa aborda como o processo de reassentamento forçado, justificado por uma agenda de modernização urbana, opera como uma estratégia de poder para a exclusão de populações negras e periféricas. A partir de uma perspectiva de antropologia comprometida e militante, exploram-se as tensões entre as cosmovisões dos habitantes e as narrativas institucionais, evidenciando a centralidade do racismo na estruturação das políticas urbanas. O artigo argumenta que a resistência comunitária emerge como uma forma de disputa pelo território, desafiando não apenas a violência estatal e simbólica, mas também propondo novas formas de apropriação e construção da cidade baseadas na memória, identidade e justiça social.

La construcción del Cambio Climático como una cuestión de Derechos humanos: un asunto en juego - Anna Girbes Gomez, Universidad Complutense de Madrid

Este proyecto aborda, desde la Antropología de los Derechos Humanos y la Ecología Política, el proceso de inscripción del Cambio Climático y sus efectos en el marco de los Derechos Humanos, integrando sus dimensiones legales, políticas y sociales. Realizamos un acercamiento a este proceso de inscripción a través de un estudio de caso en el sur español, en el que surgen reclamos por el derecho al agua, en un contexto de sequía y contaminación hídrica derivada de la agroganadería, atendiendo a los microprocesos sociales de producción, reivindicación e interpretación de tales reclamos y en relación con las condiciones socio-históricas en las que se producen.

Resistência pela crítica do hegemónico e a re-imaginação do território “por-baixo” - Joana Sá Couto, Kaya Schwemmlin e Vera Ferreira, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL)

Esta apresentação tem como objetivo realçar as transfigurações do território português impostas pelo padrão de extrativismo e exploração laboral que caracteriza um modelo de desenvolvimento capitalista, que hoje se pinta de verde. Estas recentes mutações ligadas à privatização dos comuns, à exploração contínua de recursos e as necessidades de trabalho imigrante, surgem principalmente em setores como a agricultura, a pesca ou a energia renovável, (re)incendiando a importância do controle dos meios de produção e a luta por condições laborais justas. Neste sentido, o avançar da lógica capitalista e a sua apropriação dos espaços e corpos de trabalho revela a urgência de re-imaginar a própria noção de território - como unidade territorial, como parte integrante de modos de viver e de ser, como elemento sinérgico entre contestações e lutas socioambientais emergentes no quadro da transição energética hegemónica.

Partindo das análises qualitativas e quantitativas derivadas de três estudos de campo realizados pelas autoras para as suas respectivas investigações de doutoramento, pretendemos repensar formas de resistência em diferentes contextos. Deste modo, colocamos a tónica no binómio desenvolvimento territorial industrial capitalista - “de cima” - e a resistência - “de baixo” - que surge em resposta. Estas variadas formas de resistência passam pela reimaginação das formas de produção (desde a produção de energia à alimentação) e afirmam-se como respostas ao capitalismo fóssil, mas também à agenda do capitalismo extrativista verde, traduzindo-se em dispositivos de resistência social e de politização da vida quotidiana, de forma direta ou indireta.

16h00-17h30 [Em paralelo] Painel 8: Extrativismos e Ruínas [ICS-UL, Sala Maria de Sousa/Polivalente, Rés-do-chão]

Zoom ID: 964 3477 3877 | Código de Acesso: 084212

Moderadora: Raquel Mendes Pereira (CRIA-NOVA FCSH)

Mining Extractivism and the Global Geopolitical Reconfiguration: A Collective Learning Workshop from the Political Ecology of the Global South - Alejandra Tapia, Universidad de Cuenca and Carlos Quizphe, Universidad de Cuenca

In the current context of global energy transition, mining extractivism remains a cornerstone of economic and geopolitical dynamics, particularly in the relationship between the Global North and the Global South. The growing demand for critical minerals such as lithium, copper, and cobalt is reshaping power and dependency relations, intensifying socio-environmental conflicts in extraction territories. This process creates a paradox: while the Global North seeks to secure access to strategic minerals for its energy transition, communities in the Global South face dispossession, pollution, and the destabilization of their territories. The persistence of extractivism, now under narratives of "green" or "responsible" mining, reinforces historical patterns of subordination and dependency without substantially altering the global architecture of power. In response, we propose a participatory workshop to critically analyze how these new geopolitical configurations not only reinforce structural asymmetries but also create openings for the emergence of local and transnational resistance. We aim to discuss alternatives from a post-extractivist perspective that challenge hegemonic development logics and propose a rearticulation of North-South relations through the lens of ecological justice and territorial self-determination.

This proposal is built on two voices: Carlos, an environmental engineer with an MSc in Environmental Studies and a PhD candidate in the Territorial Sustainability program; and Alejandra, an anthropologist and transdisciplinary feminist researcher with Msc in Transition, Innovation and Sustainability Environments. Both are researchers and activists deeply involved in the anti-extractivist struggle in Ecuador, particularly in the defense of high-altitude Andean páramo ecosystems and their communities. In this space, we seek to explore key concepts for understanding extractivism, bringing to the surface epistemologies of the Global South, while also weaving collective experiences aimed at action. These insights may prove valuable for individuals looking to activate and mobilize their own territories.

Vozes dos territórios em transição: o extrativismo energético em Minas Gerais-Brasil - Francisco Calafate Faria (London South Bank University), Elaine Cristina Santos (Universidade de Sao Paulo- USP), Rômulo Soares Barbosa (Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES), Iara França (Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES) // Projeto LIQUIT-Vozes dos Territórios

Nas últimas décadas tem-se ampliado o debate mundial sobre a descarbonização dos processos industriais, com metas de redução de CO2 em toda cadeia produtiva e de

substituição de combustíveis fósseis por electricidade nos veículos motorizados. Esse processo tem sido denominado de Transição Energética. Porém, ele não é recente no Estado de Minas Gerais, Brasil. Tem origem na década de 1970 com monoculturas de eucalipto para carvão vegetal como substituto do carvão mineral na siderurgia. No início do século XXI observa-se a intensificação da extração de minerais convencionais e críticos, além de empreendimentos de geração concentrada de energia solar e hidroelétrica. Práticas corporativas e estatais de produção do consenso público sobre grandes projetos extrativos, e de silenciamento de vozes dissonantes, têm-se fortalecido pela narrativa da descarbonização. Exemplo desses processos é a tentativa de ‘rebranding’ do Vale do Jequitinhonha em Vale do Lítio, promovido pelo governador do Estado em colaboração com mineradoras. Todavia, há estratégias locais de resiliência que travam lutas políticas e defendem alternativas socioeconômicas comunitárias. É que estes territórios ameaçados de serem transformados em mercadorias globais são historicamente habitados por povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais que se refugiaram de várias vagas de colonização através da construção de práticas de vida sustentáveis. Propomos um diálogo a partir do trabalho que estamos a desenvolver no Norte e Nordeste de MG para conectar essas vozes de resistência e de modos de vida ecológicos a uma visão crítica ampliada sobre extrativismo verde.

Um olhar multiespécies sobre as ruínas: reconversão florestal e diversidade sociocultural para a restauração de outros mundos possíveis, um estudo de caso na Serra do Açor em Portugal - Kátia Favilla, ICS-ULisboa

A presente comunicação tem a intenção de debater os resultados iniciais de investigação que está em curso sobre as diversas formas de reconstrução de paisagens em ruínas implementadas por: comunidades locais, órgãos governamentais, e empresas. A investigação em curso tem como ponto de união a “floresta” plantada de eucalipto na Serra do Açor em Portugal, que foi gravemente afetada por um incêndio florestal em 2017 e que possui ações em curso de revitalização e regeneração florestal.

O estudo busca revelar a diversidade de narrativas e soluções encontradas para revitalizar essas paisagens e (re) construir outros mundos possíveis para além da monocultura florestal. Um importante ponto de partida para a construção do estudo é a possibilidade de se pensar na diversidade biológica e social/cultural como aportando conhecimentos significativos de confluência, compartilhamento e simbioses no processo de reconstrução de ruínas.

Este estudo insere-se no curso de Doutorado em Antropologia da Universidade de Lisboa e pretende que o resultado seja também uma componente digital de diálogo, vivência e divulgação das possibilidades de restauração florestal em paisagens impactadas pela monocultura de eucalipto e afetadas por incêndios ou por falta de recursos hídricos, estabelecendo uma possibilidade de diálogo e ampliação dos resultados para além do caso específico na Serra do Açor.

Serão relatados e analisados os primeiros seis meses de trabalho de campo e os diálogos e compartilhamentos entre a pesquisadora, a sociedade civil organizada, governo municipal e coproprietários de baldios.

“A terra é nossa, mas eles é que mandam”: violências, memória e luta pela terra em Cabo Delgado, Moçambique - Zacarias Milisse Chambe. UniRovuma, Mocambique e UNIFESP, Brasil (tbc)

Este artigo é resultado de duas experiências etnográficas: a primeira se deu entre finais de 2011 e princípios de 2012, quando foi inaugurado na remonta comunidade de Namanhumbir, no Distrito de Montepuez, a Sul de Cabo Delgado, norte de Moçambique um megaprojeto de mineração de rubis, a Montepuez Ruby Mining Ltda., originária de um “joint-venture” entre uma empresa britânica, GEMFIELDS Group Ltd., e a moçambicana Mwirit Ltda. A segunda ocorreu entre 2019 e 2021, quando no auge das suas operações extrativas, a empresa iniciou o reassentamento de milhares de aldeões e camponeses locais que se viram por isso, obrigados a deixar suas machambas, casas e espaços de domínio vital. Embora cronologicamente distantes, as constatações de campo denunciam uma longa duração de diversas formas de violências (físicas, psíquicas e simbólicas) a que aqueles que chamam a si de “donos da terra” estão sujeitos, diante de um imponente projeto extrativista-capitalista. Discuto neste texto, quatro processos e conceitos chaves: memória, violências, resistências na luta pela terra e responsabilidade social, que se interseccionam nas múltiplas relações entre comunidades locais, Estado e os agentes filiados aos megaprojetos de mineração de rubis na comunidade de Namanhumbir.

16h00 - 17h30 [Em paralelo] Painel 9: Lutas e Resistências (Parte II) [ISCTE - Edifício 4 - B326]

Zoom ID:993 3677 9569 | Código de Acesso: 420671

Moderador: Filipe Olival (CRIA-UC)

Catadoras de Materiais Recicláveis de Jardim Gramacho: Corpos-Territórios de Resistências, Lutas e Afetos (online) - Bárbara Oliveira de Moraes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

O que significa ser mulher e viver da catação de materiais recicláveis em Jardim Gramacho? Como o território e o trabalho moldam os corpos e as histórias dessas mulheres? Esta roda de conversa propõe a socialização dos resultados de uma pesquisa de doutorado que acompanhou as experiências, desafios e estratégias de resistência das catadoras de materiais recicláveis. A luta dessas mulheres vai além da busca por renda; é também por reconhecimento, dignidade e pelo direito de (r)existir em um espaço historicamente marcado pela inclusão precária. O racismo ambiental, a precarização do trabalho e as desigualdades de gênero atravessam suas vidas, mas elas seguem em movimento, criando redes de apoio, cuidando umas das outras e transformando o território. São corpos-territórios marcados pela exploração, mas também pela resistência e pela invenção de formas de vida que desafiam a lógica do descarte imposta pelo sistema. Pensando em contribuir com as produções que se ampliaram nos últimos anos sobre gênero, raça, geração e trabalho em contextos periféricos, esta roda de conversa pretende aprofundar o debate sobre o trabalho feminino na catação de materiais recicláveis no espaço que por mais de três décadas foi o território extraordinário do lixo.

O Aquilombar para Conquistar: Resistências Negras Brasil/Portugal (online) - Beatriz Santos Pontes, PDSE CAPES/CES/ UC- PPGCS/UFSM/RS/BRASIL

O presente estudo visa analisar as resistências negras no Brasil e em Portugal, com ênfase nas

manifestações culturais e sociais que resultaram da diáspora africana. A pesquisa busca compreender como as comunidades afrodescendentes têm resistido à opressão e como seus legados culturais e políticos contribuem para a construção de novas identidades. A afrodiaspora não trouxe apenas a subordinação de milhões de negros ao trabalho forçado, mas também a rica cultura africana que foi preservada e transformada em diversas partes do mundo. No Brasil, as políticas públicas para afrodescendentes têm buscado, aos poucos, promover a inclusão e o reconhecimento da cultura negra, embora ainda existam desafios. Em Portugal, as resistências negras, como no caso da comunidade da Cova da Moura em Lisboa, demonstram a luta contra o racismo estrutural e a busca por direitos iguais. Estes movimentos revelam a persistência de uma memória coletiva que se opõe ao colonialismo e ao silenciamento de culturas não-hegemônicas. A metodologia adotada será a cartografia, um método afetivo e político que permite analisar as interações entre o trabalho, a subjetividade e as identidades em territórios marginalizados. A cartografia possibilita o mapeamento das resistências nos contextos urbanos, como o Mercado de Escravos da Lagoa (Lagos) e o Padrão dos Descobrimentos (Lisboa), espaços que ilustram o legado da colonização, além da formação das comunidades quilombolas no Brasil. Esse método possibilita uma leitura crítica das interações sociais e das formas de resistência no Brasil e em Portugal. Este estudo é fundamental para aprofundar o entendimento sobre as dinâmicas de resistência negra em contextos pós-coloniais, e como essas resistências continuam a moldar as identidades e políticas públicas de ambos os países.

Fundo de Resistência Rural - Guilherme Serodio, Várias

As últimas décadas evidenciam uma intensificação do extrativismo industrial, impulsionado pela lógica de crescimento económico contínuo. Perante o esgotamento de recursos e a crise ecológica, os atores económicos expandem agressivamente essa exploração, destruindo e ameaçando não apenas ecossistemas, mas também comunidades e os seus modos de vida. Comunidades que, frequentemente, se veem forçadas a resistir isoladas, sem acesso a ferramentas financeiras, jurídicas ou políticas que lhes permitam sustentar essa luta.

Nesta apresentação, introduzimos o Fundo de Resistência Rural, uma iniciativa que procura suprir esta lacuna, fornecendo apoio estratégico e financeiro a comunidades que se organizam para defender os seus territórios. O fundo não se limita a financiar a resistência – propõe-se a capacitá-la, ajudando coletivos locais a navegar os labirintos administrativos, burocráticos e legais, a explorar o potencial da ação direta e a estruturar vias de incidência política eficazes.

Para além do suporte material, o fundo opera como um laboratório de experimentação democrática: as bolsas são atribuídas por um júri deliberativo, selecionado aleatoriamente entre os seus doadores (independentemente do valor doado), reforçando dinâmicas de solidariedade e autonomia política. Esta estrutura insere-se num esforço mais amplo de tecer novas narrativas políticas e modelos de economia e de resistência capazes de ultrapassar a dependência suicida do crescimento económico.

A apresentação explorará o funcionamento do fundo, os desafios e potencialidades da sua abordagem e a necessidade de infraestruturas institucionais que sustentem comunidades em luta. Contará também com uma forte componente de debate e reflexão conjunta capazes de o tornar mais robusto no seu apoio a quem luta.

Movimentos Criativos de Resistência Hídrica - Margarida Mendes, ICNova

Nesta apresentação partilharei o trabalho de vários coletivos e movimentos de resistência hídrica de varias partes do mundo, partilhando as suas ferramentas, métodos, desafios e actividades, traçando narrativas e alianças entre corpos de água como o Mississippi, o Tejo, o Rio Bogota, o Sabka Sejoumi e os Oasis ao largo de Marraquexe.

A apresentação toma como ponto de partida trabalho de campo e investigação feita ao longo de vários anos nos vários locais e a participação em diversas actividades de monitorização e sensibilização das populações, culminando na exposição internacional Catharsis, em mostra na Porto Design Biennale 2023.

19h00-20h30. Debate “Conflitos ambientais, informação crítica e tecnologias alternativas” [Local: Cooperativa Rizoma - Sala]

Com Luís Junqueira (ODET), Sandra Faustino (MAPA), Bruno Candeias (Roda Inquieta), Manuel Afonso (Ebulição); moderadora: Catarina Leal (CRIA-NOVA FCSH)

20h30- 21h30. Jantar [Local: Cooperativa Rizoma - bar/terraço]

Necessário inscrição prévia até 23 maio: <https://bit.ly/42xdatB>.

Será cobrado um valor simbólico de 5€ para apoiar a cooperativa e os seus cozinheiros.

21h30-23h00- Projeção do documentário "LA CUENCA: Ontologías del agua" ("A BACIA: Ontologias da água"), de Left Hand Rotation. [Local: Cooperativa Rizoma - cave]

Sábado 31 de Maio - Lisboa

Local: Cooperativa Rizoma, R. José Estêvão 4.

10:00 - 10:30 - Boas Vindas e Exposição fotográfica “Greve Climática Estudantil” em cianotipia [Rizoma - Sala]

Por Catarina Leal

O movimento Greve Climática Estudantil (GCE) surgiu em Portugal em 2019, inspirado pelo mote internacional «Fridays For Future» (FFF). Concebida no âmbito da investigação de doutoramento em “Antropologia: Políticas e Imagens da Cultura e da Museologia” (2018 - em curso), a presente proposta consiste numa exposição de fotografias impressas em cianotipia, relativas a este movimento social.

A GCE mobiliza novos sujeitos políticos e novos modos de argumentação e de atuação. Por um lado, estas jovens estudantes introduzem claramente o conceito de Justiça Ambiental, propondo uma reflexão sobre a forma como a degradação social e ambiental afeta de maneira desigual diferentes grupos humanos de acordo com distinções de classe, etnia, género e localização espacial (urbano/rural, centro/periferia ou norte/sul); por outro lado, os seus protestos incluem também formas de ação consideradas mais disruptivas, como greves, manifestações, ocupações e ações diretas. Compreendendo componentes textuais e visuais, a exposição discorre sobre estas três características da GCE e sobre as propostas que este movimento apresenta para o futuro próximo.

Com base numa etnografia militante, a exposição procura criar um corpo de trabalho posicionado, um ensaio visual experimental para produzir e partilhar conhecimento científico que se estenda para além dos limites da investigação de doutoramento, tentando entrar em diálogo com um público mais vasto.

Um ensaio visual pode já ser consultado na galeria online: <https://www.buala.org/pt/galeria/sem-futuro-nao-ha-paz>

10:30 - 11:30 - Ecologias políticas de resistência no Litoral Alentejano: Mesa Redonda TAMLA. [Rizoma - Sala]

Com a participação da associação *Dunas Livres, Juntos pelo Cercal e Juntos pelo Sudoeste*. Organizado por Kaya Schwemmlein (ICS-UL), Joana Sá Couto (ICS-UL), Antonio Maria Pusceddu (CRIA-ISCTE) e Bruno Candeias (Coletivo TAMLA).

Com os recentes processos de alteração da paisagem no litoral alentejano, o coletivo TAMLA agrega diferentes pequenos grupos ativistas do território português com o objetivo de conciliar forças para resistir a diferentes ameaças como a turistificação de luxo, a privatização, apropriação e esgotamento dos comuns, os impactos socioambientais de megaprojetos de energia renovável, a contínua expansão da agricultura intensiva com recurso a exploração de mão-de-obra imigrante. As mobilizações contra a exploração e apropriação de recursos comuns, a exploração laboral, a desertificação das áreas rurais e a degradação socioambiental têm crescido de forma expressiva, na tentativa de construir práticas e estratégias para resistir ao saque do Litoral Alentejano.

Assim sendo, o TAMLA propõe uma mesa-redonda com representantes dos movimentos que o compõem para refletir sobre as condições para a resistência e a elaboração de estratégias futuras. No sentido de contribuir ao encontro de ecologia política com uma reflexão sobre a experiência directa do conflito e das dificuldades de organizar e expandir a luta numa zona historicamente em contestação. Esta mesa-redonda terá como ponto de partida um mapa do sacrifício de modo a visualizar os contornos geográficos da "zona de sacrifício" e pretende refletir sobre o activismo, o papel da academia, e as variadas sinergias entre lutas locais e os limites do mesmo. Indo para além da descrição, pretende-se convidar a repensar ainda a conjugação de diferentes mundivisões, as práticas de luta, as potencialidades e as dificuldades de ação, e por fim as alternativas à degradação socioambiental inerente ao capitalismo.

10h30 - 11h30: Oficina: Democracia Económica para uma Transição Ecológica. [Rizoma - Cave]

João Fialho, Malha Cooperativa (tbc)

Esta oficina começa por colocar em evidência a organização inerentemente antidemocrática do capitalismo enquanto sistema social hegemónico. Abordamos os pressupostos do mercado de trabalho, do funcionamento tipo das empresas que visam o lucro e efeito destrutivo social e ecológico destes. Apresentamos as propostas da democracia económica e do movimento cooperativo integral como forma alternativa de organização económica que tenha como fim explícito a transição ecológica e social. Os participantes serão convidados a partilhar os seus interesses profissionais como matéria-prima para desenharem uma estratégia de contributo para a transição socio-ecológica, com vista a construir um sistema económico em que a produção dos bens e a prestação dos serviços em causa é organizada de forma cooperativa, as decisões tomadas de forma democrática e em que mecanismos de descentralização do poder são continuamente acionados, de modo a que o bem comum e a sustentabilidade dos ecossistemas se convertam no propósito da atividade económica.

11h30 - 12h00: Pausa

12h00 - 13h30: RiVER - glossário improvável do território urbano. [Rizoma - Cave]

Kitti Baracsi, Criar Cidade Cooperativa, CRIA, AFSEE LSE

O projeto itinerante Ri-Ver: outros olhares sobre a cidade, é um observatório artístico das transformações urbanas baseado na centralidade do rio e da natureza. Propõe a criação de um glossário improvável, imaginando que nós somos o rio, através da experimentação em várias linguagens artísticas. Ri/VER significa rio, mas também re-ver, rever, ver de novo, ver de um ângulo diferente. A ideia central do projeto é que pensar através do rio altera as compreensões antropocêntricas e centradas no curto prazo, permitindo-nos assim mudar as conversas estagnadas e compreender as transformações conflituosas das nossas cidades através da imaginação artística. Como é que as paisagens emocionais, políticas, económicas e sociais mudam se colocarmos o rio no centro delas? Este quadro conceitual é a base da pesquisa e experimentação artística que se realiza através do dispositivo do glossário multimodal, criado através da imaginação, situado no espaço público.

O importante trabalho de Astrida Neimanis sobre o aquoso lembra-nos que somos todas corpos de água e convida-nos a compreender que fazemos todas parte de uma circulação fluida. (Neimanis, 2012) Esta visão hidrofeminista entre muitas outras referências, inspiram a dissolução dos moldes conceituais em que pensamos a cidade.

A oficina proposta aplica este exercício simples mas revelador para suscitar uma reflexão sobre que significa território urbano. Através da co-criação de um glossário multimodal

sobre território-rio, experimenta diferentes subjectividades e cria interpretações que não separam a natureza e os seres humanos a nível conceitual.

12h00 - 13:30: Apresentação do livro “*Insurgent Ecologies*” do coletivo editorial Undisciplined Environments [Rizoma - Sala]

Gustavo Garcia Lopez (ECOSOC-CES) e Rita Calvário (DINAMIA'CET-ISCTE) pelo Undisciplined Environments, em conversa com o Antonio Maria Pusceddu (CRIA-ISCTE)

Neste evento, em formato de conversa (híbrida), dois membros do do coletivo editorial Undisciplined Environments (Gustavo Garcia Lopez e Rita Calvário), apresentam o livro *Insurgent Ecologies*, junto com dois ou três dos autores (possivelmente: Delmy Tania Cruz, Omar Jabary Salamanca e mais um autor, ainda por confirmar). O livro parte da crença de que as lutas ambientais que ocorrem no Sul e no Norte globais são uma componente necessária de tais transformações, e aborda debates de longa data na ecologia política sobre como promover transformações dentro, contra e para além do capitalismo. Apresenta histórias únicas de visões e estratégias de lutas organizadas em torno da soberania, da terra, do clima, dos feminismos e do trabalho. Escritas por ativistas académicos enraizados em territórios de todo o mundo --na Palestina e no Curdistão, nos Estados Unidos, em Porto Rico, no Equador e na Bolívia, no Brasil, no México, na Colômbia, na África do Sul, na Turquia, na Geórgia, na Galiza, em Espanha e em Itália, e na Grécia, bem como a nível transnacional-- as histórias do livro oferecem perspectivas localmente fundamentadas, mas globais. O foco da conversa focará sobre dos aspectos chave do conceito e prática de ecologias insurgentes: como construir solidariedade e camaradagem em diversas lutas; e como se criam novos sujeitos políticos e projetos coletivos transformadores para a justiça ecosocial.

13h30 - 15h00. Almoço [Rizoma - Bar/Terraço]

15:00-17:00. Oficina: *Assembleia - Jogo de cooperação* [Rizoma - Cave]

Facilitado por Catarina Mateus, Dinâmia'Cet-ISCTE e Luís Filipe Olival, CRIA-UC

Este jogo parte de um cenário urbano de um bairro afetado por vários dos problemas que caracterizam as nossas cidades (gentrificação, dificuldades de mobilidade, diminuição de serviços, falta de equipamentos e espaços públicos, etc.). Neste contexto, uma diversidade de moradores (entre diferentes idades, géneros, etnias e atividades profissionais) têm de enfrentar estes problemas servindo-se dos recursos materiais e conhecimentos que têm disponíveis. Os participantes são convidados a colocar-se no papel dos habitantes do bairro e a cooperar entre si para resolver alguns destes problemas.

Este jogo surge de um cruzamento de duas investigações junto de três cooperativas

(Minga, Montemor-o-Novo; Rizoma, Lisboa; Portada Bethania, periferia de Quito, Equador), cujo objetivo passa por compreender como criar relações mais próximas e sustentáveis com o território. Nestas cooperativas observámos práticas comunitárias de resolução de problemas, que procuram satisfazer as necessidades e aspirações dos seus membros usando as competências únicas de cada pessoa e os recursos disponíveis. O jogo, por sua vez, propõe trazer para contextos quotidianos - e para situações familiares à maioria das pessoas - métodos democráticos de tomada de decisão que encontramos no nosso trabalho de campo junto destas cooperativas.

17:00-17:30. Pausa

17h30-19h30. Assembleia da Rede [Rizoma - Sala]

Aberta a tod@s que queiram ajudar a co-construir a rede.

19h30-21h00. Jantar [Rizoma - Bar/Terraço]

Necessário inscrição prévia até 23 maio: <https://forms.gle/ZAtYqEuL5mYEaXHb8>

Oferecido pelo Coletivo À Mesa. Será cobrado um valor simbólico de 5 € para apoiar o colectivo e os seus cozinheiros.

21h00-2300h. Convívio com Evento Musical: “Salsa e/para as Resistências” [Rizoma - Cave]

Com a colaboração do coletivo *La Salsa del Pueblo*. Terá um custo por determinar.

*

Domingo 1 de Junho - Lisboa

Estúdio no bairro da Graça (Lisboa) [o endereço será partilhado após a inscrição]

15h00 - 17h00: Oficina- *Ouvir a Justiça Ambiental: Gravações de Campo, Som e Improvisação Coletiva*

Facilitado por Ivo Louro, Centro Interuniversitário para a História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT), NOVA F.C.T., e Teresa Meira, Investigadora-Ativista (Brasil,

Portugal). Máximo de 12 participantes. Necessário inscrição prévia até 29 maio: <https://bit.ly/3Y3z6ex>

This event proposes listening as both a method of inquiry and a political gesture within environmental justice practices. It features a listening session of compositions by Ivo Louro, created from field recordings gathered during Unschooling the Summer — a caravan organized by ECOSOC that, in July 2023, traveled through sites of social and environmental conflict along Portugal's southeast coast. The recordings reflect on key struggles in the region: touristification in Lisbon, land grabs and luxury developments in Setúbal, and the challenges of a just energy transition in Sines. Alongside the listening session, Ivo will present a reflection on the political and ecological potential of listening and field recording as tools for research and activism concerning the topic of environmental justice. The event concludes with a participatory free sound improvisation using instruments like bamboo chimes, bird whistles, tongue drums and whirly tubes. Participants are invited to listen attentively — to their environment, to others, and to themselves — creating a collective soundscape of dialogue beyond musical rules or expertise.